**AVARENTO 70'S**

 A Cia. Retalhos de Teatro, de Santa Maria, RS, revisita o clássico O AVARENTO, de Molière, no Cena Viva 2017, Festival de Teatro de Santa Rosa, RS. Tal encenação é dirigida e adaptada por Helquer Paez, um 'revival' da montagem realizada por ele próprio, no final da década de 80, início dos anos 90, do século passado, rebatizada como AVARENTO 70'S.

 O enredo original gira em torno de Harpagon, velho burguês riquíssimo, do século XVII, cuja sovinice é sua maior característica. Todas as tramas paralelas, dramas e qüiproquós nos quais os personagens são envolvidos, tem sua origem na avareza do velho senhor. Após mil reviravoltas, os problemas e conflitos de todos são resolvidos, ficando o velho avarento amargando, solitário, com sua arca de dinheiro, pagando o preço por sua sovinice, punido pela prática contundente de seu pecado capital. Assim: simples e moralista.

 O espetáculo da Cia. Retalhos de Teatro, através de adaptações, foge deste contexto, e comete outros pecados, que tentarei elucidar. A transposição da ação para os anos 70 do século passado não é justificada e contextualizada para o universo em questão, até mesmo porque os próprios anos 70, hoje, já nos são tão distantes quanto o século XVII. Parece-me, portanto, que o original soaria menos anacrônico. Porém, é uma escolha de direção, a qual acato e tento me incluir nas circunstâncias dadas. De qualquer forma, a ambientação (muito bonita) levanta mais dúvidas do que certezas: onde está acontecendo o espetáculo? Numa casa noturna? Numa loja de discos? Harpagon é o dono destas casas comerciais? Não sei. Os dois únicos elementos de cena (2 cadeiras) são cenografadas, de acordo com o contexto proposto, buscando unidade visual, o que é conseguido, porém não elucida minhas dúvidas com relação ao espaço da ação.

 Há - fato generalizado quando se trata de encenar uma farsa - excesso de movimentação, às vezes prejudicando o entendimento do texto, que, no caso, ora é mantido no original, numa linguagem mais empostada e; ora torna-se coloquial, com inserções de gírias dos anos 70. Perpassa, durante todo o espetáculo, um cio permanente dos personagens, como se estivessem dentro de uma comédia estudantil norte-americana. Este fato faz com que o foco do espetáculo passe a ser a resolução desta volúpia incandescente, levando-nos ao esquecimento, quase que por completo, do vilão Harpagon e sua avareza, sendo o mesmo, ainda recompensado ao final de todo o mal que causou, dançando, loucamente, com as gatas mais gostosas do pedaço. Esta foi a minha leitura do espetáculo e, se esta leitura fica pipocando na área, há que se rever alguns tópicos da adaptação.

 Estamos diante de uma farsa, de uma comédia enfim, um dos maiores clássicos do gênero, na dramaturgia universal. Porém, em determinados momentos, a trilha sonora se estabelece, soberana, acachapante, puxando o tapete dos atores, chamando para si o foco e a paternidade do riso, como se não se confiasse no texto de Molière e nem no elenco para conseguir o efeito pretendido. E, o elenco em questão, é primoroso, com dois pequenos senões, ao meu ver, que são a naturalidade de Júlio César Aranda, que tem de buscar, corporalmente, a artificialidade dos companheiros; e o criado defendido por Tatiana Vinadé. Neste caso, penso estarmos mais diante de indefinição de direção quanto ao 'rumo' do personagem, do que um problema da atriz, que o defende.

 AVARENTO 70'S é, como já citei, uma remontagem do próprio Helquer Paez. Parece-me, entretanto, que no esforço de reproduzir o sucesso e o impacto da montagem original (que não assisti), Helquer manteve (suposições) intactos, inclusive os problemas agora detectados e sentidos, que à época de sua estréia original, seriam justificadas pela então inexperiência e maturidade artística de seu criador. Helquer Paez, hoje é um dos mais conceituados diretores do Estado do RS, e, porque não dizer do País. Deixou-se, acredito, envolver pelo saudosismo. Remontagens, porém, devem partir de uma desconstrução, e não de uma reprodução, porque, como diria o poeta: nada será como antes.

Antonio Carlos Brunet

Junho de 2017.